



*Céu subterrâneo*¹

Paulo Rosenbaum*

São Paulo, Brasil

rosenbau@usp.br

Exílio do exílio. Numa das muitas tardes chuvosas em Jerusalém dormi e tive sonhos estranhos. Fui checar a data. Era o aniversário de falecimento de um amigo. Morreu tão prematuramente que só a expressão “nostalgia antecipada” conseguia dar conta do meu estado de espírito.

Até hoje me surpreendia remoendo as cenas de mortalha e o corpo deitado sob o lençol branco. Benjamin, meu melhor amigo, doze anos de idade, estava lá. Pequeno, ajeitado incomodo no caixão infantil. A morte de crianças passou a ser um tabu, e, quando se presencia uma, peculiar vulnerabilidade invade o corpo.

Uma semana antes da pneumonia que levou Benjamin embora para sempre, fomos todos juntos torcer pelo Corinthians, no estádio do Pacaembu. Chovia muito e era um clássico contra o Santos, contando com Rivellino e Pelé.

Empate, e Benjamim, ensopado, faleceu uma semana depois. Tragédias têm o dom da aglutinação.

Semanas depois meu pai, que fundara uma célula do partido comunista no Tatuapé soube que precisaria sumir do país. O aparelho informava que sua ficha do DOPS havia chegado ao DOI-CODI. Estava na lista fichado como “Marlon Mondale, natural da Polônia, marxista subversivo”.

A prisão era questão de dias. Para despistar o cerco, nossa família teve que fazer estágios nos arredores do Rio de Janeiro e ficamos enfiados num beco hostil de Nova Iguaçu. Por duas semanas fomos migrantes clandestinos no estado da Guanabara. Depois que a polícia estourou os aparelhos de São Paulo, todo mundo foi realocado e fomos removidos para o subúrbio de Contagem, bem perto de Belo Horizonte.

Numa madrugada com orvalho um carro escuro e com placas frias nos transportou até Torres, a praia gaúcha. Um dia depois Porto Alegre e finalmente embarcamos no aeroporto Salgado Filho, rumo à escala no Rio de Janeiro e depois Orly, antes do destino final, Londres. Meu pai não abria a boca. Só dentro do avião, depois de quase quarenta dias praticamente mudo, ouvi uma palavra inteira.

— Acabou!

¹ ROSENBAUM, Paulo. *Céu subterrâneo*. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 76-78. Disponível em: <https://cutt.ly/SWypWZh>. Acesso em: 30 abr. 2021.

* Médico, escritor e Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo.



O pacote de desventuras era da ditadura? Depois de tanto tempo eu ainda achava que sim: malditos coronéis!

Mas não, numa revisão durante minha análise didática para a formação psicanalítica, percebemos, eu e o meu analista, que nenhum desses era o verdadeiro problema. Talvez nunca tenha havido um único problema verdadeiro.

Na terça chuvosa me isolei de todos no cemitério israelita. E do gramado fiquei observando à distância o caixão do meu amigo descer à cova. Vi a terra escapando da madeira e atrapalhando Benjamin que sempre dizia que precisava saber de tudo.

— Ele sabia mesmo de tudo.

Meus olhos estavam bloqueados pela terra lavrada, pelo óbito findo, num pigmento que passou a fazer parte da pele. Queria que minha dor fosse registrada, mas eu, tão fantasma quanto Benjamin, estava invisível. E também, como ele e qualquer um que perde o corpo, não tinha mais consciência da minha própria condição. Mesmo na morte havia vida, mas desde então eu soubera, aquilo, a vida, não era mais para mim. Durante a temporada em pleno exílio, completei treze anos. Meu pai não fazia questão de cerimônias. Nem eu. Na tradição, a contagem dos anos adultos é disparada aos treze anos, mas talvez a única vida possível esteja na infância. O resultado prático de ter pulado o *bar mitzvóá* pode ter sido a sensação de ser mais jovem do que a idade cronológica. Produziu algum efeito negativo com as meninas. Se aos quinze já tinha uma respeitável coleção de livros, nunca tinha beijado uma delas. Não era uma troca razoável.

Primeiro poesia, depois vieram, na ordem, títulos de biologia e filosofia. Romances foram tardios. A explicação é que pela cartilha do Partidão a maioria era considerada “desvios burgueses”. Só depois da enorme decepção, quando soubemos dos crimes de Stálin e da esquerda conservadora, fui autorizado a ler os “decadentes alienados”. Alguns volumes de ficção chegaram através de um amigo do meu pai.

Resolvi acordar e tomei coragem para visitar o museu do Holocausto. Lembranças entravam e saíam ao som de um sino, um gongo intermitente na seção infantil do Yad Vashem. Ali, revivi mais uma vez o drama de Benjamim. O memorial fazia badalar o som a cada minuto, ritmo intermitente de tributo: um por criança morta.

Talvez houvesse genocídios mais exuberantes, jamais um infanticídio naquelas proporções. Um ano para ouvir o ciclo inteiro de nomes. Um milhão e meio.

Depois de relativo sucesso na carreira profissional e subsequente malogro como o que sofri na vida institucional: a única resposta digna era uma resignação absoluta com o destino. Descobri que era indigno!

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.